

# A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

*NURSE'S PERFORMANCE IN ASSISTING CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER*

*LA ACCIÓN DEL ENFERMERO EN LA ATENCIÓN A NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA*

Tatyanne Lima Rocha Ferreira<sup>1</sup>  
Laís Carolini Theis<sup>2</sup>

## Resumo

O objetivo do presente estudo é descrever a atuação dos enfermeiros na assistência a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, referente a trabalhos publicados entre 2014 e 2019, em português e inglês. O levantamento foi realizado nas bases de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. A partir da busca, obtiveram-se sete estudos, examinados por meio da Análise Temática de Conteúdo. Os resultados indicaram que as contribuições do enfermeiro ocorrem desde a primeira consulta, por intermédio da aplicação de escalas e avaliação de sinais e sintomas — o que auxilia no diagnóstico precoce. A investigação demonstra, também, a importância da enfermagem no ambiente escolar e no processo de autocuidado apoiado da criança com TEA; entretanto, a educação permanente destes profissionais é essencial para tal assistência.

**Palavras-chave:** transtorno autístico; enfermagem; saúde da criança.

## Abstract

This study aims to describe the nurses' performance in assisting children with Autistic Spectrum Disorder (ASD). This is an integrative literature review, regarding works published between 2014 to 2019, in Portuguese and English. The survey was carried out in the Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), and Scientific Electronic Library Online databases. From the search, seven studies were obtained, examined through Thematic Content Analysis. The results showed that the nurse's contributions occur from the first consultation, through the application of scales and signs and symptoms evaluation — which contributes to early diagnosis. The investigation also demonstrates the importance of nursing in the school environment and in the supported self-care process of children with ASD; however, the continuing education of these professionals is essential for such assistance.

**Keywords:** autistic disorder; nursing; child health.

## Resumen

El objetivo del presente estudio es describir la acción de los enfermeros en la atención a niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA). Se trata de una revisión integradora de la literatura, referida a trabajos publicados entre 2014 y 2019, en portugués e inglés. La recolección se hizo en las bases de datos *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*, Literatura Latinoamericana y del Caribe en Ciencias de la Salud (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. En la búsqueda, se obtuvieron siete estudios, examinados por medio del Análisis Temático de Contenido. Los resultados indicaron que los aportes del enfermero se producen desde la primera consulta, en la aplicación de escalas de evaluación de señales y síntomas — que auxilia el diagnóstico precoz. La investigación demuestra, también, la importancia de la enfermería en el ambiente escolar y en el

---

<sup>1</sup> Universidade Positivo. E-mail: tatyannelima16@gmail.com.

<sup>2</sup> Enfermeira. Especialista em Gestão Hospitalar e dos Serviços de Saúde. Mestre em Saúde Coletiva. Doutoranda em Ciências de Saúde. E-mail: laistheis@gmail.com.

proceso de autocuidado con apoyo del niño con TEA; sin embargo, la educación permanente de esos profesionales es esencial para esa atención.

**Palabras-clave:** trastorno autista; enfermería; salud del niño.

## 1 Introdução

Conforme a Lei nº 12.764 (27 de dezembro de 2012), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta as seguintes características: déficit contínuo da comunicação verbal, não verbal e da relação social; dificuldade em desenvolver e preservar relações pertinentes ao seu grau de desenvolvimento; padrões restritos e frequentes de comportamentos motores ou verbais característicos ou ações sensoriais incomuns; demasiada aderência a condutas e padrões de comportamentos habituais e interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012).

O diagnóstico é clínico, caracterizado por sinais e sintomas inerentes, presentes prematuramente durante o desenvolvimento; é realizado por meio de análises de conduta da criança, conversas com os pais e aplicação de instrumentos validados e autênticos — que auxiliam o profissional a traçar um perfil detalhado das características de desenvolvimento. O transtorno evidencia graus diferenciados, descritos do leve a mais grave; porém, todos os níveis da escala estão correlacionados com as dificuldades de comunicação e relacionamento social. Quando detectado previamente, seus riscos de agravamento podem ser minimizados e há a probabilidade da promoção de independência em relação ao seu meio, o que facilita a adaptação da criança ao transtorno (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

O enfermeiro é um dos profissionais de saúde responsável pelo acolhimento nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e nas Estratégias Saúde da Família (ESF). A Consulta de Enfermagem é uma atividade desenvolvida para uma melhor assistência à saúde; utiliza componentes do método científico para identificar situações de saúde-doença, prescrever e implementar medidas de enfermagem que contribuam para a proteção, promoção, recuperação e reabilitação da saúde do indivíduo (BARBIANI *et al.*, 2016).

No âmbito da saúde da criança, o enfermeiro acompanha o crescimento e o desenvolvimento, para que o indivíduo alcance a vida adulta sem influências desfavoráveis e problemas herdados da fase infantil. Por intermédio de consultas de puericultura, suas ações priorizam a saúde no lugar da doença; logo, esse profissional pode ser o primeiro a identificar qualquer característica relacionada ao autismo (DEL CIAMPO, 2006).

Nesse cenário, a relevância desse estudo se alicerça na dificuldade dos enfermeiros em atuar com a criança com Transtorno do Espectro Autista. Destaca-se a necessidade de um processo de construção pessoal, interpessoal e intergrupar permanente destes profissionais,

para que saibam exercer sua função com essa população autista; o objetivo é construir conhecimentos acerca da atuação do enfermeiro no processo de cuidado infantil, com vistas à garantia de uma assistência de qualidade.

Desse modo, o objetivo do estudo foi descrever a participação dos profissionais enfermeiros na assistência prestada às crianças com Transtorno do Espectro Autista.

## 2 Percursos metodológicos

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. Este método objetiva traçar uma análise sobre o conhecimento já construído em pesquisas anteriores, sobre um determinado tema, permitindo a geração de novos conhecimentos — que serão pautados nos resultados apresentados pelas pesquisas precedentes (BROOME, 2006).

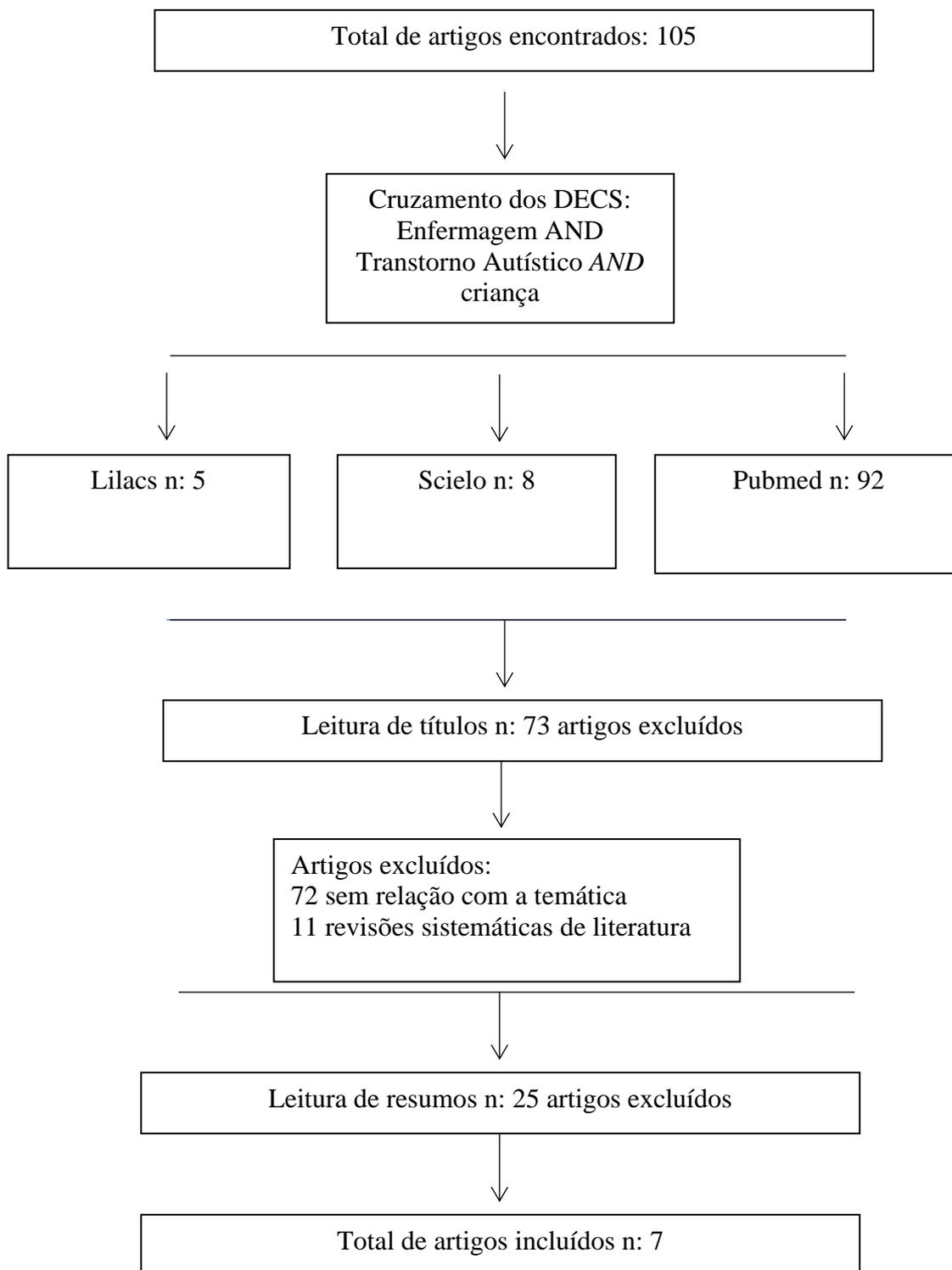
A construção desse estudo seguiu as seis fases propostas por Souza *et al.* (2010). Na primeira, realizou-se a escolha do tema e a elaboração da questão norteadora. Formulou-se a seguinte pergunta: “Qual a contribuição do profissional enfermeiro na assistência prestada à criança com Transtorno do Espectro Autista?”. A coleta de dados ocorreu no mês de julho de 2020. As bases de dados utilizadas para buscas de artigos foram: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline)*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. Foram utilizados os seguintes Descritores em Ciência da Saúde (DECS): Transtorno Autístico (*Autistic disorder*), enfermagem (*nursing*) e criança (*child*) com o operador booleano AND.

Na segunda fase, estabeleceram-se os critérios de inclusão e exclusão das produções científicas a serem analisadas. Isto posto, selecionaram-se os seguintes critérios de inclusão: artigos disponíveis eletronicamente na íntegra e gratuitamente; trabalhos escritos em português e inglês; artigos que abordaram a temática escolhida; e estudos publicados entre 2014 e 2019. Os critérios de exclusão escolhidos foram: artigos de revisão integrativa e/ou sistemática; tese; dissertação; manuais; protocolos; cartas editoriais; e artigos pagos. As buscas geraram um total de 105 artigos.

Na terceira fase, realizou-se a leitura de títulos; excluíram-se 62 publicações que não tinham relação com a temática e 11 trabalhos que eram revisões sistemáticas de literatura; assim, considerando os critérios adotados, restaram 32 artigos. Posteriormente, procedeu-se à leitura dos resumos; nesta fase, foram excluídos 25 artigos, pois não atendiam ao objetivo e à questão proposta no presente trabalho. Logo, um total de 7 produções compuseram o *corpus* de análise, conforme representado na Figura 1. Os estudos foram avaliados por dois autores

independentes e, em caso de não consenso entre os pesquisadores, seria consultado um terceiro pesquisador — o que, na prática, não foi necessário.

**Figura 1:** Fluxograma da seleção de artigos para com



Na quarta fase, procedeu-se à categorização dos estudos selecionados, após uma leitura aprofundada dos 7 artigos para obtenção de informações relevantes. Para tanto, construiu-se o Quadro 1, baseado no instrumento validado por Ursi (2005). Esse instrumento apresenta as seguintes informações: identificação, autores, local, ano, objetivos e resultados. Nesta fase, emergiram as seguintes categorias empíricas: o enfermeiro e a detecção do Transtorno do Espectro Autista; a teoria do autocuidado de Dorothea Orem como estratégia de cuidado para crianças com TEA; a importância do enfermeiro na saúde escolar, para o desenvolvimento de crianças com TEA; e a importância da educação permanente para formação de enfermeiros, para a assistência às crianças com TEA.

Na quinta fase, realizaram-se a análise e interpretação dos resultados, através do método de Análise Temática de Conteúdo (BARDIN, 2011), que permitiu a definição das categorias temáticas. A análise de dados seguiu a proposta metodológica de análise de conteúdo, perfazendo três fases: (a) pré-análise, que incluiu a escolha dos documentos a serem analisados; (b) exploração do material, em que foram construídas as unidades de registro, o que deu início à elaboração de categorias de análise propostas; (c) tratamento dos resultados, pautados tanto pelos conceitos que unificam os artigos escolhidos quanto pela interpretação de suas ideias, colocados em uma categoria de análise (BARDIN, 2011).

Por fim, na sexta fase, desenvolveu-se a apresentação da revisão propriamente dita, bem como a síntese do conhecimento — apresentada nas discussões desse estudo.

### **3 Análise dos resultados**

Os sete artigos selecionados são artigos originais, disponíveis, em sua maioria, em português (n=4), presentes na base de dados *Pubmed* (n=3). O período com o maior número de publicações sobre o assunto foi 2016 (n=2). Os resultados foram listados e organizados no Quadro 1.

**Quadro1:** Produção científica acerca da assistência da enfermagem às crianças com Transtorno do Espectro Autista, entre 2014 e 2019 - Curitiba, 2020.

<b>Nº./ Autores</b>	<b>Local/ano</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Resultados/ Conclusões</b>
A1 / Hofzmann 2019	Santa Catarina / 2019	Conhecer a experiência dos familiares no convívio de crianças com TEA.	Identifica-se a necessidade de políticas públicas que promovam a capacitação dos profissionais da rede, objetivando a detecção e acolhimento da família de autistas, assim como, para que o profissional enfermeiro seja coautor dessa detecção precoce.
A2 / Sousa <i>et al.</i>	Piauí / 2018	Descrever uma reflexão acadêmica acerca da enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.	A necessidade de treinamentos e capacitações de professores, educadores e profissionais de saúde, inclusive os enfermeiros, a fim de estabelecer estratégias adaptativas para o desenvolvimento de crianças com TEA, objetivando a conquista da autonomia para a inserção no ensino regular no meio social.
A3 / Rodrigues <i>et al.</i>	Alagoas / 2017	Aplicar o processo de enfermagem, baseado na teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar o <i>Social Stories</i> como ferramenta de aprendizagem, aliada à teoria do autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista.	A associação da teoria de Orem com <i>Social Stories</i> apresentou-se como uma estratégia efetiva no estímulo ao autocuidado pela criança.
A4 / Franzoi <i>et al.</i>	Distrito Federal / 2016	Relatar a experiência da aplicação da música como tecnologia de cuidado a estas crianças em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil.	É importante que os profissionais aprofundem e desenvolvam conhecimentos sobre métodos e estratégias do uso da música terapêutica em saúde mental a fim de ampliar a sua utilização no cuidado a essas crianças, e avaliar os efeitos dessa intervenção.

A5/ Halpin	Reino Unido / 2016	Permitir que os enfermeiros refletissem e articulassem a contribuição para o processo exclusivo da enfermagem.	O estudo descobriu que as crenças e valores mantidos por enfermeiros e sua intenção de oferecer uma assistência holística, prestada por meio de uma relação profissional de cuidado, correlacionam-se com o tipo de cuidado que os pais disseram que as famílias precisam e dão uma contribuição única para a avaliação da equipe.
A6 Lynch.	Estados Unidos / 2015	Avaliar a eficácia da implementação de triagem de 18 meses do desenvolvimento e do autismo por correio, com um processo padronizado de acompanhamento para resultados anormais da tela.	Um processo de acompanhamento padronizado, concluído pela enfermeira, após uma falha inicial no teste de desenvolvimento, pode aumentar o rendimento das intervenções apropriadas ou referências de subespecialidades apropriadas.
A7 / Rutkowski; Brimer	Estados Unidos / 2014	Adicionar informações adicionais às áreas de conteúdo para os enfermeiros das escolas.	As enfermeiras escolares são fundamentais para educar a equipe sobre questões específicas do currículo de educação física, além da assistência, condições, medicamentos, problemas comportamentais e suas soluções.

#### 4 O enfermeiro e a detecção do transtorno do espectro autista

O enfermeiro, por vezes, é um dos primeiros profissionais a ter contato com a criança com TEA na consulta de acompanhamento e desenvolvimento; portanto, o profissional deve estar atento para reconhecer os sinais do autismo, entender suas causas, terapêuticas e intervenções (RODRIGUES, 2017).

O diagnóstico final de TEA só pode ser estabelecido após os três anos, porém, a identificação de risco para o TEA pode e deve ser feita precocemente. Apesar de existirem inúmeros instrumentos que auxiliem nessa identificação, atualmente no Brasil, o instrumento recomendado pela Sociedade Brasileira de Pediatria é a escala *Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT)* revisada. Entretanto, ele não o único modelo utilizado no país; cada estado e município tem autonomia para adotar sua própria linha de cuidado para auxiliar no

processo de detecção precoce, proporcionando uma ação que possibilite melhoria na qualidade de vida da criança com autismo (SEIZE; BORSA, 2017).

Além do M-CHAT, podemos ressaltar a existência de aplicativos que atualmente auxiliam na detecção precoce do autismo, sendo uma inovação no ensino e aprendizagem na área da saúde. Considerando o aumento do número de casos e a realização do diagnóstico tardio do TEA no Brasil, é de suma importância o avanço de tecnologias e ferramentas que auxiliem o enfermeiro na realização da detecção precoce de sinais e alerta para o autismo (MONTENEGRO, 2019).

O processo de identificar uma criança com TEA é bastante extensa; desta forma, alguns locais visam facilitar esse processo. Um estudo relata a tentativa de uma triagem, em que 892 crianças receberam, por correio, um questionário de rastreio por idades, estágios e a lista de verificação modificada para autismo em crianças. Contudo, concluiu-se que para analisar e chegar a um diagnóstico concreto sobre o autismo, a triagem do desenvolvimento e do autismo pelo correio não é um método suficiente para rastrear de maneira abrangente essa população. O estudo sugere, ainda, que um processo de acompanhamento padronizado, concluído pelo enfermeiro, pode aumentar o rendimento das intervenções apropriadas ou referências de subespecialidade apropriadas, sendo que é de grande relevância esse acompanhamento contínuo com a família, para observar o desenvolvimento dessa criança e de sua família (LYNCH, 2015).

Desse modo, reitera-se a importância da assistência à criança com TEA prestada pelo enfermeiro, devido à habilidade de prestar um cuidado integral, que contribui para identificação de sinais e sintomas da doença e favorece o diagnóstico precoce (MAGALHÃES, 2020).

## **5 A teoria do autocuidado de Dorothea Orem como estratégia de cuidado para crianças com TEA**

A Teoria do Autocuidado de Dorothea Orem, publicada em 1971 e 1980, preconiza que o enfermeiro deve identificar as limitações do paciente no seu atendimento individual, auxiliando com a progressão desse cliente para sua prática de autonomia no autocuidado (QUEIRÓS *et al.*, 2014).

A teoria de cuidado é constituída por três teorias inter-relacionadas: (1) Teoria de autocuidado: refere-se à realização do autocuidado para benefício próprio, nesse ponto de vista, o enfermeiro avalia a capacidade e demandas de autocuidado da criança com autismo; (2) Teoria do déficit do autocuidado: resume-se em quando e porque a enfermagem se torna

imprescindível, é quando a procura do autocuidado é superior à capacidade de se auto cuidar; (3) Teoria do sistema de enfermagem: essa teoria refere-se à situação de autocuidado em que o paciente se encontra e precisa dos cuidados de enfermagem. Nesse contexto, a enfermagem auxiliará o indivíduo a administrar o autocuidado (RODRIGUES, 2017).

A partir do momento que a criança com TEA e sua família passam a compreender suas experiências como algo natural e familiar, a possibilidade de desenvolver o autocuidado se eleva (SANTOS, 2018). Diante disso, é de suma importância que o enfermeiro compreenda a complexidade do Transtorno do Espectro Autista, a encadeação de suas prováveis causas, sua baixa resposta e suas terapêuticas ainda incertas, para que assim possa estar treinado para realizar a intervenção de forma conjunta com essa criança e sua família, “envolver-se com investigação inovadora do cuidado, bem como adotar abordagem teórica de enfermagem que possibilite à criança com TEA autocuidar-se de acordo com seu potencial e limitação, para que possa então ter autonomia em sua vida diária” (RODRIGUES, 2017, p. 2).

Estudo apresenta uma nova possibilidade de cuidado, através da *Social Stories*, um instrumento de aprendizagem que conduz a troca segura e importante de conhecimentos entre os profissionais de saúde, familiares e as crianças autistas, fundamentando-se na teoria do autocuidado de Dorothea Orem. Apesar de sua eficácia, a ferramenta de aprendizagem ainda não é utilizada no cuidado de enfermagem no Brasil (RODRIGUES, 2017).

Conforme o estudo realizado no domicílio da criança, aplicaram-se três intervenções, as quais o indivíduo apresentava dificuldade para realizar sozinho e necessitava do auxílio de sua mãe. No que concerne ao estímulo à autonomia da criança, a *Social Stories* é uma técnica eficaz, pois permite explorar o significado do comportamento, a partir da perspectiva de uma criança. Possui uma série de benefícios que incluem melhorias nas interações sociais e nos âmbitos educativos; contudo, há pouco consenso na literatura sobre os efeitos da *Social Stories*, como também pouco material científico produzido no Brasil sobre o tema (RODRIGUES, 2017).

Após as intervenções, os resultados do estudo evidenciaram maior capacidade de autocuidado da criança. Sua higiene passou a ser feita de forma independente, sem o auxílio constante da mãe, como era realizada anteriormente. Diante disso, destaca-se o papel da família na evolução e progresso da criança com TEA, pois, a dedicação e interesse dos pais são essenciais para a adoção e avanços no autocuidado (RODRIGUES, 2017).

Isto posto, é importante ressaltar o papel da enfermagem que, além da inovação, desenvolve ações com visão holística, analisando essa criança por completo; engloba-se todo o seu meio social, sabendo que não apenas o corpo físico deve ser tratado, mas outros

aspectos, como, o emocional, mental e espiritual. Além disso, contribui para que as famílias possam reconhecer seus direitos a informações e cuidados sobre seus filhos, além de envolvê-los no processo de avaliação e autocuidado (HALPIN, 2016).

## **6 A importância do enfermeiro na saúde escolar para o desenvolvimento de crianças com TEA**

O autismo apresenta particularidades específicas, como: redução do desenvolvimento da criança — que apresenta isolamento, aspectos cognitivos e linguísticos. Com o progresso de intervenções precoces e promoções no ambiente escolar, inúmeras estratégias podem ser estudadas e aplicadas às crianças autistas, para que isso ocorra e supra as necessidades dessas crianças. É imprescindível, portanto, um trabalho multidisciplinar, de forma conjunta e organizada (BERTAZZÓ; MOSCHINI, 2012).

Nesse contexto, destaca-se a atuação do enfermeiro no ambiente escolar, que se torna um dos atores das ações de educação em saúde; além de ter competência para destaque em espaços pedagógicos, aplica a supervisão, integração e promoção do autocuidado (OLIVEIRA, 2018). A presença do enfermeiro na escola é determinante para a atenção aos processos de promoção em saúde, pois promove discussões, estimula debates técnicos e apresenta sua perspectiva em relação aos processos de saúde e doença. O enfermeiro torna-se responsável pelo cuidado e observação da rotina escolar, atentando para os problemas encontrados e suas possíveis soluções (RASCHE; SANTOS, 2013).

Outro estudo destaca a atuação do enfermeiro com a criança autista no ambiente escolar, na prática de atividade física. A criança com TEA apresenta dificuldades em sua interação social e, assim, seu comportamento se torna negativo em relação ao exercício físico na escola. Fatores como estilo de vida sedentária e isolamento social fazem com que a inserção dessa criança nas atividades se torne um desafio para os enfermeiros que atuam na escola (RUTKOWSKI; BRIMER, 2014).

Geralmente, a criança com autismo não pode realizar as atividades padrões da educação física; logo, o papel da enfermagem torna-se essencial, pois fornece a instrução necessária para os membros da equipe escolar, incluindo a equipe do plano de educação individualizado para a integração da criança autista nesse ambiente (RUTKOWSKI; BRIMER, 2014).

O estudo destaca a generalização de habilidade, estabelecida como a capacidade de executar as habilidades e conhecimento aprendidos a uma nova função. Isto posto, notou-se que indivíduos com TEA apresentam dificuldade em generalizar habilidades, delimitando o

desempenho em novos âmbitos; em algumas situações, essa criança consegue realizar a ação, porém, sua dificuldade de se envolver com o meio compromete seu desempenho. Como ocorrência habitual foi incluída no plano de desenvolvimento, realçando que a generalização de habilidades deve ser abordada em todo plano de educação individual (RUTKOWSKI; BRIMER, 2014).

Os enfermeiros escolares precisam ter informações abrangentes e precisas relacionadas à questão das limitações motoras, sociais e emocionais dos alunos no espectro autístico, para que possam agir como membros experientes da equipe e defensores desses alunos. Essa defesa inclui garantir que o currículo de educação física seja abordado durante as reuniões do plano de educação individual — designadas a esses alunos (RUTKOWSKI; BRIMER, 2014).

## **7 A importância da educação permanente para formação de enfermeiros para a assistência às crianças com TEA**

A educação permanente em saúde visa valorizar o saber e o fazer do profissional da área, e acontece por intermédio da reflexão acerca das práticas de saúde, com base na aprendizagem e na possibilidade de transformação das práticas profissionais. Seus fundamentos são: autonomia, cidadania, subjetividade dos atores, e o aprender na, pela e para a prática. Implementada pela Portaria n° 1.996 de 20 de agosto de 2007 pelo Ministério da Saúde, possibilita ao enfermeiro aperfeiçoar suas competências e assistência profissional para que forneça com qualidade bons resultados no seu trabalho (LAVICH, 2017; BRASIL, 2007).

O desenvolvimento da educação permanente é essencial para enfermeiros, com vistas ao desenvolvimento de novas competências e práticas de assistência às crianças com TEA. Atualmente, existe um grande progresso sobre novas possibilidades de identificar o risco de autismo nas crianças; destarte, é importante que os enfermeiros estejam capacitados para a detecção precoce do autismo e auxiliem no diagnóstico e tratamento precoce (MARANHÃO, 2019).

Inúmeros estudos versam sobre a problemática, ao afirmar que, inicialmente, os familiares da criança não identificam ou, por vezes, desconhecem os sintomas do autismo; quando notam a diferença comportamental na criança, procuram diversos profissionais e, com o conhecimento escasso, muitos a consideram um “um retardo mental” (HOFZMANN, 2019).

O estudo evidenciou, ainda, que as famílias afirmam desconhecer a atuação do enfermeiro no processo de cuidado às crianças com TEA; destaca, também, que o enfermeiro deve conhecer e ter habilidades para reconhecer os sinais e sintomas, pois, quanto mais

precoce o diagnóstico, maiores as chances de desenvolvimento para a criança (HOFZMANN, 2019).

Outro estudo que relata a experiência de atuação do enfermeiro com uma criança autista, que permitiu ao profissional conhecer a sua rotina, suas dificuldades, sua personalidade — com vistas a identificar suas necessidades. Conclui-se que para que isso ocorra de forma satisfatória, e que essa criança apresente avanços, o profissional deve estar preparado para intervir juntamente com a criança e sua família; ele deve adaptar sua abordagem para que ela criança consiga realizar seu autocuidado em todos os âmbitos de sua vida, para obter autonomia no seu dia a dia, conforme seu potencial (SOUSA *et al.*, 2018).

Assim, a capacitação dos enfermeiros é essencial, para que o cuidado ocorra de forma lúdica e segura. A humanização do enfermeiro é fulcral no acompanhamento dessas crianças, para transmitir segurança aos pais no tratamento e orientando, como, por exemplo, a participar de grupos com outros pais que passam por situações parecidas — para compartilhar e conhecer outras experiências (SOUSA *et al.*, 2018).

## 8 Conclusão

O enfermeiro deve contribuir para a detecção precoce do autismo, bem como a realização do processo de enfermagem com elaboração de plano de cuidados individualizado ao contexto de cada família. Nesse contexto, a Teoria do Autocuidado de Dorothea Orem é uma das abordagens teóricas para fundamentação do processo de enfermagem em crianças com TEA.

Como limitações do estudo, podemos citar: a escolha e restrição do uso de base de dados e o recorte temporal e de idioma. O estudo contribuiu para identificar algumas das ações que vêm sendo realizadas para as crianças com Transtorno do Espectro Autista e para a divulgação de iniciativas realizadas pelos enfermeiros.

Destacou-se, também, a importância de padronização de instrumentos para detecção precoce do autismo, pois, o diagnóstico precoce influencia diretamente no tratamento e plano de cuidados. Ademais, a educação permanente para formação e capacitação dos enfermeiros é essencial para a assistência a essas crianças.

## Referências

BARBIANI, R.; NORA, C. R. D.; SCHAEFER, R. Práticas do enfermeiro no contexto da atenção básica: *scoping review*. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 24, e2721, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.0880.2721>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTAZZO, J. B.; MOSCHINI, R. Acompanhamento terapêutico escolar: o atendimento a alunos com transtornos globais do desenvolvimento nas classes inclusivas. *In: ANPED SUL- SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 9., 2012, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: Anped, 2012. p. 1-11.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**: Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Portaria nº 1.996, de 20 de agosto de 2007. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**: Brasília, DF, 2007.

BROOME, M. E. Integrative literature reviews for the development of concepts. *In: RODGERS, B. L.; KNAFL, K.A. Concept Development in Nursing: Foundations: Techniques and Applications*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 2006. p. 231-250.

DEL CIAMPO, L. A. O Programa de Saúde da Família e a Puericultura. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 739-743, 2006.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232006000300021>.

FRANZOI, M.A.H. *et al.* Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto Contexto – Enferm.**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 1-8, 2016.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-070720160001020015>.

HALPIN, J. What do nurses think they are doing in pre-school autism assessment? **British Journal of Nursing**, [S.l.], v. 25, n. 6, p. 319-323, 2016. DOI: <https://doi.org/10.12968/bjon.2016.25.6.319>.

HOFZMANN, R. R. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enferm. Foco**, Brasília, v. 2, n. 10, p. 64-69, 2019.

LAVICH, C. R. P. Ações de educação permanente dos enfermeiros facilitadores de um núcleo de educação em enfermagem. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, e62261, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.62261>.

LYNCH, B. A. Developmental Screening and Follow-up by Nurses. **McN, The American Journal of Maternal/child Nursing**, [S.l.] v. 40, n. 6, p. 388-393, 2015.

MAGALHÃES, J. M. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enferm. Glob.** Murcia, v. 19, n. 2, p. 531-559, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/eglobal.356741>.

MARANHÃO, S. Educação e trabalho interprofissional na atenção ao transtorno do espectro do autismo: uma necessidade para a integralidade do cuidado no sus. **Revista Contexto &**

**Saúde**, [S.l.], v. 19, n. 37, p. 59-68, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2019.37.59-68>.

MONTENEGRO, K. S. Aplicativo sobre a detecção precoce do autismo: uma ferramenta educacional para o ensino em saúde. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S.l.], v. 11, n. 6, p. 1-10, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e347.2019>.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. *et al.* Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 32, p.1-12, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v32.25425>.

OLIVEIRA, R. S. Atuação do enfermeiro nas escolas: desafios e perspectivas. **Gestão e Saúde**, Brasília, v. 2, n. 18, p. 10-22, 2018.

QUEIRÓS, P. J. P.; VIDINHA, T. S. S.; ALMEIDA FILHO, A. J. Autocuidado: o contributo teórico de Orem para a disciplina e profissão de enfermagem. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. 3, p. 157-164, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV14081>.

RASCHE, A. S.; SANTOS, M. S. S. Enfermagem escolar e sua especialização: uma nova ou antiga atividade. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 4, n. 66, p. 607-609, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000400022>.

RODRIGUES, P. M. S. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 1-9, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20170022>.

RUTKOWSKI, E. M.; BRIMER, D. Physical Education Issues for Students with Autism. **The Journal of School Nursing**, [S.l.], v. 30, n. 4, p. 256-261, 2014.

SANTOS, L. S. **A aplicação da teoria do autocuidado na assistência de enfermagem à criança e ao adolescente**. 2018. 28 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2018.

SEIZE, M. M.; BORSA, J. C. Instrumentos para Rastreamento de Sinais Precoces do Autismo: revisão sistemática. **Psico-USF**, Itatiba, v. 22, n. 1, p. 161-176, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220114>.

SOUSA, B. S. A. A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. **Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 163-170, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17765/2176-9206.2018v11n1p163-170>.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 1, n. 8, p.102-106, 2010.

URSI, E. S. **Prevenção de lesões de pele no perioperatório**: revisão integrativa da literatura. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2005.